

Uma introdução às Novas Expressões Religiosas

João Florindo Batista Segundo¹ e Carlos André Macedo Cavalcanti²

¹Universidade Federal da Paraíba. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. *Campus* I. João Pessoa-PB, Brasil (CEP 58051-900). E-mail: jf.segundo@gmail.com.

²Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Departamento de História. *Campus* I. João Pessoa-PB, Brasil (CEP 58051-900).

Resumo. Este artigo apresenta os conceitos fundamentais sobre as Novas Expressões Religiosas (NER), incluindo uma síntese de seus aspectos históricos, a busca da nomenclatura mais apropriada para definir esse relevante objeto de estudo das Ciências das Religiões, além de contextualizar as principais categorias de NER no panorama atual do Brasil. Espera-se assim auxiliar os pesquisadores iniciantes e outros interessados no tema, indicando-lhes a terminologia empregada pelas Ciências das Religiões e algumas das principais fontes de consulta para aprofundamento.

Palavras-chave: Novas Expressões Religiosas; Seita; Nova Era; Neopentecostalismo; Espiritualidade.

Abstract. *An introduction to New Religious Expressions.* This paper introduces the fundamental concepts about New Religious Expressions (NRE), including a synthesis of its historical aspects, the search for the most appropriate nomenclature to define this relevant object of study in the Science of Religion, besides contextualizing the main categories of NRE in the Brazilian current perspective. Thus, the purpose is to assist the beginners in this field of research and those interested in the topic to distinguish the terminology used by the Science of Religion and some of the main sources of consultation for further research.

Keywords: New Religious Expressions; Sect; New Age Religions; Neopentecostalism; Spirituality.

Recebido
16/09/2020

Aceito
02/10/2020

Disponível *on line*
03/10/2020

Publicado
31/12/2020



Acesso aberto



ORCID

0000-0002-4994-9706
João Florindo Batista
Segundo

0000-0003-0685-5803
Carlos André Macêdo
Cavalcanti

Introdução

O mundo ocidental vivenciou o que Max Weber e outros sociólogos denominaram de processo de secularização, graças, dentre outros fatores, ao advento das ideias

iluministas, seguidas pelas teorias liberais, positivistas, socialistas e comunistas e o fim das grandes narrativas (Lyotard, 1998). Fortemente marcado pela racionalização e pelo desencantamento do mundo ante a religião, tal processo levou à redução da hegemonia das crenças e práticas religiosas sobre a vida social e a seu paulatino confinamento no reduzido campo da subjetividade individual.

Tillich (1976, p. 112) observou que a despeito de seu arraigado combate contra a sacralidade, era notória a “incapacidade da secularidade de viver por si só”, sendo pertinente recordar que esse processo de secularização ocorreu de modos diferentes em cada lugar do Ocidente: se nos países europeus (palco das duas Grandes Guerras Mundiais ele foi mais profundo), nos Estados Unidos (grande vencedor da Segunda Guerra) seus efeitos foram menos intensos.

Ao mesmo tempo, o campo religioso sofreu fortes implicações da democracia tão ansiada pela contemporaneidade, na medida em que permitiu que onde antes havia uma sociedade monoliticamente cristã surgissem e proliferassem novos grupos de vocação espiritual, tanto de tradição cristã, quanto de origem oriental, pagã ou sincréticos.

Para Tillich, as igrejas históricas se esqueceram que a experiência mística se dá através de uma articulação entre o “vertical” (significado eterno) e o “horizontal” (realização temporal desse significado) e que, ao privilegiar o horizontal (contentando-se com o caráter moral, humanitário e político) elas perderam a dimensão transcendental, deixando de ser morada do “espírito protestante”. (Campos, 2003, p. 36)

Se antes o catolicismo e o protestantismo regulavam quase todos os aspectos da vida social, a partir de então, proliferaram grupos que trouxeram novas crenças e novas interpretações que ressignificaram as tradições religiosas. Tais círculos constituem as Novas Expressões Religiosas (NER), que serão o objeto de estudo deste artigo.

Definição de Novas Expressões Religiosas e conceitos básicos

Inicialmente, para a compreensão das Novas Expressões Religiosas (NER) é mister investigar o contexto em que surgiu tal nomenclatura. Neste sentido, a Sociologia da Religião é central às Ciências das Religiões para a compreensão de instituições tradicionais e de movimentos religiosos, sejam elas recentes ou não. Deste modo, veja-se como eram denominados tais grupos e quais as contribuições de diversos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais na formação da terminologia NER:

a) **Religião:** “é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem.” (Durkheim, 2000, p. 32); “rituais, doutrinas, mitos, símbolos, cultos, orações, *crença/fé*” (Franco, 2013, p. 401).

b) **Religiosidade:** “vivência e experiência religiosas, inquietação ou senso religioso, campo ou fenômeno religioso, desenvolvimento religioso, adesão e comprometimento religiosos, *crença/fé*” (Franco, 2013, p. 401-402); “[...] a religiosidade refere-se ao quanto uma pessoa participa de rituais religiosos, como os princípios e crenças da religião orienta sua vida, comportamento e hábitos” (Fátima Silva, 2016, p. 80).

c) **Espiritualidade:** “A espiritualidade refere-se a uma busca pessoal sobre questões existenciais como o sentido da vida, relações com a transcendência ou sagrado, sem estar, necessariamente, vinculada a uma orientação religiosa.” (Fátima Silva, 2016, p. 80) “busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal-estar em relação à materialidade do mundo, *crença/fé*”. (Franco, 2013, p. 402) “A espiritualidade é também concebida como uma conexão transcendental entre o homem consigo, com o outro, com a

natureza ou alguma causa que dê sentido” (Fátima Silva, 2016, p. 80). “De forma geral, a espiritualidade pode ser definida como uma busca de sentido com ou sem a adesão a uma religião específica” (Oliveira et al., 2016, p. 100).

d) **Igreja:** para Troeltsch (1987), é organização religiosa com estruturação hierárquica, papéis diferenciados (donde surge o *status*), atuando como extensão da sociedade e reforçando a coesão social (Camurça, 2013, p. 289); toda igreja possui sacerdotes.

e) **Sacerdotes:** “funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses”, com base em uma doutrina fixamente regulada (Weber, 2012, p. 294); detêm a “legitimidade do monopólio eclesiástico” (Bourdieu, 2015, p. 62).

f) **Carisma:** segundo Weber (2012, p. 158), há o carisma institucional – que “[...] dá uma aura de poder sagrado a qualquer indivíduo detentor do direito de usar um paramento episcopal, ou sentar no trono real”; “[...] uma força para legitimação das instituições e de indivíduos poderosos” (Lindholm, 1993, p. 39-40) - e o carisma pessoal (revolucionário e criativo) - “uma qualidade extraordinária de uma pessoa, independentemente do quanto essa qualidade é verdadeira” (Lindholm, 1993, 40); do carisma pessoal procede o profeta.

g) **Profeta:** “o portador de um carisma puramente *pessoal*, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma *doutrina* religiosa ou um mandado divino” (Weber, 2012, p. 303). “O profeta difere do feiticeiro [mago] na medida em que o conteúdo revelador do profeta não consiste em processos mágicos, mas sim em uma doutrina do dever.” (Szwako, 2003, p. 4). O profeta torna-se líder do movimento carismático.

h) **Feiticeiro:** agente autônomo que se apodera do capital religioso da igreja ou do profeta para constituir e atender a uma clientela (Bourdieu, 2015).

i) **Movimentos carismáticos:** aqueles nos quais as pessoas deixam de seguir as instituições para seguirem o líder (Weber, 2012, p. 158); se separam da igreja instituída e da sociedade (Weber, 2004, p. 289-290); Weber os denomina de seitas (Weber, 2004, p. 243).

j) **“Organização” religiosa mística:** de acordo com Troeltsch (1987), são pequenos grupos que têm por base uma mística individual e subjetiva e que fazem oposição à redução da experiência religiosa à formalidade dos ritos, à burocracia eclesial e ao racionalismo das doutrinas (Camurça, 2013, p. 289).

k) **Culto:** termo geral para todo novo agrupamento religioso, ainda pouco estruturado; porém, há estudiosos que utilizam o termo culto como sinônimo de seita (Guerriero, 2006, p. 29).

l) **Seita:** originalmente, tais grupos, então minoritários eram denominados seitas, de *sectare* (cortar), *secta* (modo de vida) e *sectum* (grupo que rompeu com a Igreja) (Giumbelli, 2002, p. 65); a seita é uma cisão de uma grande religião (Guerriero, 2006, p. 29); “os seguidores se submetem às exigências imperiosas de uma figura heroica, [cujas ordens são legitimadas] [...] somente pelo poder de comando do indivíduo carismático” (Lindholm, 1993, p. 40).

m) **Rotinização do carisma:** criação de uma estrutura institucional após o movimento de mudança sobreviver ao profeta que o liderou (Mariz, 2013, p. 304) Logo, “a seita de origem transforma-se em igreja, que no futuro será objeto de contestação de novos profetas, num processo infundável” (Oliveira, 2007, p. 188).

n) **Ateísmo**: “É, em geral, a negação da causalidade de Deus. O reconhecimento da existência de Deus pode ser acompanhado pelo ateísmo se não incluir também o reconhecimento da causalidade específica de Deus” (Abbagnano, 2007, p. 87).

o) **Agnosticismo**: designa a atitude de quem se opõe à possibilidade da razão humana provar racionalmente a existência ou inexistência de Deus, e que reduz o objeto da religião a “mistério”, cujos símbolos interpretativos são todos inapropriados (Abbagnano, 2007, p. 22).

Deste modo, a pesquisa sociológica se deparou com os seguintes problemas:

I) os movimentos religiosos não se reconheciam como seitas (Weber, 2004);

II) as religiões empregavam o termo seita em tom pejorativo quanto à fé de outros grupos (Guerriero, 2006); e

III) os grupos religiosos só consideram “os outros” como sendo sectários (Giumbelli, 2002).

p) **Novas Expressões Religiosas (NER)**: essa nomenclatura surgiu na intenção de ser um ponto de equilíbrio, que se popularizou somente na década de 1970 (Giumbelli, 2002, p. 18), servindo de contraponto à valoração teológica negativa (Mariano, 2013, p. 238) e também para circunscrever grupos outrora não identificados ou inexistentes (Guerriero, 2006). “[...] o termo Novos Movimentos Religiosos [...] mistura-se com outros também utilizados pelos estudiosos, como novas religiões, novas religiosidades e espiritualidades, religiões alternativas e Nova Era” (Guerriero, 2006, p. 41). Para Barker (1989), deve-se compreender como “novos” os movimentos religiosos que se tornaram visíveis após a Segunda Guerra Mundial, no âmbito das sociedades ocidentais.

“Surgem” as NER

De acordo com Tillich (1992, p. 245), no início do século XX, a crença das massas ocidentais nas religiões tradicionais estava em franca deterioração, em razão da incapacidade de gerar mudanças que resgatassem o ímpeto criador do “espírito” surgido durante a Reforma Protestante. Segundo ele, faltava “uma nova compreensão dos símbolos e de todas as coisas”.

Do mesmo modo que o catolicismo chegou a uma síntese na Idade Média, o protestantismo em suas três ondas (pietismo, metodismo e pentecostalismo) também teria chegado a um ponto em que julgou possuir e controlar o “espírito protestante”, que, todavia, teria migrado para outras instituições e movimentos. Se por um lado havia a expectativa da ciência nortear o sentido da vida, dada uma breve eliminação do sentimento religioso, por outro, no âmbito teológico, caíam por terra a crença na exclusividade da revelação cristã, o total desdém por outras religiões e a incapacidade de uma reflexão sobre a teologia da secularidade.

Igualmente, em todo o mundo, houve um aumento do número de pessoas “não religiosas”, ao longo do século XX (Huntington, 1977): Fernandes (2012) distingue cinco tipos de “pessoas sem religião”: 1) de religiosidade própria (crenças que incluem elementos da Nova Era); 2) desvinculados (agnósticos incluídos); 3) críticos às religiões (“religião é alienação”); 4) ateus; e) tradicionalizados (não frequentam igrejas por falta de tempo).

Dentre os fatores que contribuíram para essa mudança de práticas e de valores sociais, religiosos e espirituais pode-se citar o êxodo rural, a industrialização, o conflito entre a liberdade do indivíduo e sua (in)submissão às leis do mercado, o constante risco do desemprego e o rompimento entre o ideal do proletariado e a cultura capitalista. Ou seja, a secularidade não conseguiu impedir que surgissem novos poderes escravizadores

do ser humano, que ainda vive num mundo esfacelado e que por isso permanece em busca de uma pretensa reintegração.

Ocorreu um retraimento contínuo das preocupações centradas no coletivo, no político e no social, para dar lugar ao privado, com o nascimento de uma cultura centrada nas razões da existência (Barreira, 1994), destacando-se ora um narcisismo contemporâneo - marcado por um capitalismo hedonista e permissivo (Lipovetsky, 1989), ora um individualismo moderado - ênfase na realização pessoal e em estratégias de vida centradas no indivíduo (Almeida, 1995). Mas, ao passo que cresce a individualização, por outro lado ganha força a valorização das emoções na religião e na espiritualidade. Ocorre uma rejeição da cultura ocidental - considerada capitalista, consumista, burguesa e inimiga das massas operárias (Barreira, 1994, p. 492) -, em favor de culturas de outras "origens", em especial daquelas oriundas do que antes era denominado "terceiro mundo".

Ainda sedento por respostas, o ocidental logo promoveu a ressacralização do mundo. Deste modo, assim como no passado o catolicismo foi perdendo espaço para o protestantismo, este também foi dando lugar às NER na busca do restabelecimento do equilíbrio vital, em desarranjo pela consciência da inexorabilidade da morte. As NER vêm trabalhar pela manutenção da pureza da comunhão com o sagrado, através de severa disciplina, mais rigorosa que a das igrejas tradicionais (Guerriero, 2006).

Principais características das NER

As características a seguir são típicas das NER (Campos, 2003), muito embora nem todos os grupos possuam todas elas:

- a) fundamentação no carisma do líder (profeta), que deve ser obedecido de maneira inquestionável;
- b) conversão e abandono dos discursos que antes davam sentido à vida do crente;
- c) exclusivismo e dogmatismo, que resultam na conservação do mercado simbólico de bens de salvação;
- d) introdução da espontaneidade e da criatividade no culto, com uma conseqüente liturgia fluídica;
- e) proselitismo como meio de contínua expansão do movimento - e quando consolidado em uma instituição, sua finalidade principal é reproduzir-se a si mesmo, de acordo com Houtart (Camurça, 2013, p. 295);
- f) postura ambígua em relação à sociedade civil organizada, variando de distanciamento da sociedade global e dos seus valores, à afirmação de regimes comunitários e à defesa do *status quo* político-institucional;
- g) rede de apoio (sentimento de pertencimento) para pessoas emocionalmente carentes numa sociedade marcada pela dissolução dos laços comunitários e enaltecimento do materialismo;
- h) oferta de uma perspectiva "holística" de vida que satisfaz àqueles ocidentais que não se conformam com a prevalência da análise mecanicista cartesiana;
- i) contínua síntese de porções de visões de mundo anteriores, dentro de uma suposta unidade ("tradição única", nos movimentos de matiz esotérica; vínculo direto com a "igreja primitiva", nos movimentos neopentecostal e neocristão) que relativiza as diferenças culturais, dando respostas reducionistas a problemas cotidianos.

Problemas da nomenclatura

Todavia, há uma dificuldade terminológica quando se trata de NER, a saber:

a) Não há acordo geral sobre o que constitui uma religião! Por exemplo: os budistas não examinam a existência de um deus, enquanto há autores que consideram tal crença elemento fundamental de uma religião, enquanto outros elevam a ideologia marxista à categoria semirreligiosa, como Weber (Monteiro, 2005). Por outro lado, há movimentos que se identificam como “filosofia de vida” e negam o caráter de religião.

Para Barker (1989, p. 145), tais grupos são “religiosos” na proporção em que oferecem uma visão de mundo religiosa ou filosófica, ou afirmam dispor dos meios para se atingir um objetivo superior (desenvolvimento pessoal), seja ele conhecimento transcendente, autorrealização ou esclarecimento espiritual.

b) Em que tais movimentos são realmente NOVOS? Decerto, alguns desses grupos são tão ou mais antigos que o cristianismo, porém eram desconhecidos no Ocidente. Por exemplo, atualmente o cristianismo cresce na Ásia e na África, embora perca fiéis na Europa, palco do florescimento de movimentos espiritualistas que confrontam a cosmologia e a moralidade judaico-cristã. “Portanto, a novidade religiosa é sempre relativa ao tempo e ao lugar em que surge” (Guerriero, 2006, p. 41).

c) E o fanatismo religioso em torno de alguns grupos prejudicou a tentativa de livrar as NER de sentido pejorativo, por efeito de atos como os suicídios coletivos de membros do Templo do Povo dos Discípulos de Cristo, em Jonestown (1978) e de adeptos da Ordem do Templo Solar, na Suíça (1994), França (1995) e Canadá (1997), da morte de membros do Ramo Davidiano, no Texas (1993) e do ataque terrorista do grupo Aum Shinrikyo, com gás sarin, no metrô de Tóquio (1995). Tais fatos deram margem a acusações contra as NER de uso de técnicas de manipulação e de lavagem cerebral para recrutar e explorar seus adeptos (Mariano, 2013), razão pela qual o uso pejorativo da expressão *seita* voltou à tona.

Por tudo isso, uma vez que abrange grupos tão diversos, o conceito de NER vem sendo taxado de pouco útil analiticamente e alvo de críticas, levando vários autores a optar por outras classificações, tais como “religiosidade ou espiritualidade alternativa”, “circuitos místicos”, “religiões Nova Era” e “movimentos emergentes” (Mariz, 2013).

Principais representantes das NER no Brasil

Para facilitar a compreensão das NER no Brasil, a seguir são apresentados alguns dos principais grupos, seguindo a tipologia bastante abrangente de Guerriero (2006), com alguns detalhes obtidos em fontes complementares.

Categoria 1 - “Novos movimentos cristãos”, tais como os neopentecostais e a Renovação Carismática Católica.

Neopentecostalismo: movimento religioso que busca incorporar a criatividade e o espírito profético; teve rápida expansão na América Latina. Seu nome rememora a festa de Pentecostes, quando, conforme o relato bíblico, os apóstolos de Cristo, infundidos pelo Espírito Santo, saíram a anunciar o Evangelho (Hébrard, 1992). Características: ênfase em rituais e práticas típicos do catolicismo popular, das religiões mágicas e de práticas xamânicas de antigas culturas (orações em línguas, cura divina e expulsão de demônios); pauta-se pela teologia da prosperidade, bastante atraente aos excluídos na atual sociedade de consumo; predomínio da expectativa de abundância material a despeito das crenças escatológicas. Exemplos: Igreja Universal do Reino de Deus (fundada em 1977, pelo bispo Edir Macedo).

Renovação Carismática Católica (RCC): Doutrina semelhante à do pentecostalismo, mas com maior infiltração na classe média; embora afirme clara identidade com a tradição católica, favorece uma dinâmica espiritual de caráter autônomo em relação à hierarquia eclesial. (Teixeira, 2009, p. 24)

Ecumenismo integral (ou macroecumenismo): prospera entre os cristãos, a partir do interesse em refletir teologicamente sobre a “salvação” dos não-cristãos e o diálogo com outras religiões e culturas. Exemplos: Teologia da Libertação; o Sínodo da Amazônia (2019), no qual representantes do catolicismo brasileiro, dentre outras pautas, reivindicaram o aprofundamento da “teologia índia amazônica já existente, que permitirá uma melhor e maior compreensão da espiritualidade indígena” (Vaticano, 2019, p. 38) e “que se tenham em consideração os mitos, tradições, símbolos, saberes, ritos e celebrações originários, que incluem as dimensões transcendentais, comunitárias e ecológicas.” (Vaticano, 2019, p. 38)

Neocristãos: espiritismo (Camurça, 2010), a Família - ex-Meninos de Deus, Mórmons - Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Testemunhas de Jeová, Exército da Salvação. Característica: sua doutrina não se baseia apenas na Bíblia, mas também em outras fontes de “revelação”, que esclarecem a essência da mensagem cristã de uma maneira que as religiões cristãs pré-existent não conseguiam elucidar.

Categoria 2

Nova Era (ou Era de Aquário): sua proposição é que “a humanidade está prestes a entrar [...] numa idade nova de tomada de consciência espiritual e planetária, ecológica e mística, de harmonia e de luzes, marcada por mutações psíquicas profundas” (Vernette, 1995, p. 9). Características: valorização de uma espiritualidade “inteiramente centrada no indivíduo e na sua realização pessoal” (Hervieu-Léger, 1999, p. 162); crença na reencarnação e na possibilidade da progressão de todos em direção ao bem maior; crença na responsabilidade do homem para seu progresso espiritual; ideia de uma convergência elementar de todas as religiões e doutrinas, as quais teriam por origem comum uma gama de conhecimentos que sempre ocupou um lugar precário em relação ao cristianismo (*Prisca Theologia, philosophia perennis*, Tradição Primordial) (Champion, 2002). Alguns destes movimentos não estipulam regras e instituições, valorizam a autonomia individual e, consoante a criteriologia de Troeltsch, adotam uma espiritualidade mística que não se identifica nem com uma seita, nem com uma igreja, razão pela qual, segundo Françoise Champion, seus membros participam de uma “nebulosa mística”, ou, de acordo com José Guilherme Cantor Magnani, de uma “rede flexível” ou de um “circuito” (Mariz, 2013, p. 309) Exemplos: religiões brasileiras caracterizadas pelo ritual de consumo de *ayahuasca* (ayahuasqueiras), tais como Santo Daime (1930, fundada por mestre Irineu), Barquinha (1954, por mestre Daniel) e União do Vegetal – UDV (1961, por mestre Gabriel).

a) Grupos de origem indiana (Movimento Hare Krishna – ISKCON, Fundação Osho, Organização Internacional Sathya Sai do Brasil - Sai Baba);

b) Umbanda Mística;

c) Organizações de origens distintas, como Legião da Boa Vontade - LBV, Fé Bahá'í, Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer (fundada em 1969) (Oliveira, 2011);

d) Grupos inspirados em tradições nativas da América do Norte, dos maias, dos celtas, entre outros;

Categoria 3

Movimentos religiosos vindos do Japão: O xintoísmo, o budismo, o taoísmo, o confucionismo e as crenças populares (Minkan Shinko) são reputadas como as cinco grandes tradições religiosas anteriores ao surgimento das Novas Religiões Japonesas – NRJ, que surgiram a partir de meados do século XIX (Pereira, 2001, p. 16). “[...] inicialmente restritas apenas aos integrantes da comunidade nipo-brasileira, tais religiões - pelo menos, parte delas - experimentou uma importante expansão entre pessoas sem ascendência japonesa a partir dos anos 1970.” (Tomita, 2004, p. 88). Características: caráter universal de suas doutrinas; movimentos criados quando o Japão movia-se rumo à internacionalização; promoção de atividades como a cerimônia de chá, cerâmica e elaboração de arranjos florais, que estimulam os valores artísticos e culturais japoneses. Exemplos: religião de Mokiti Okada (no Brasil desde 1955; Igreja Messiânica Mundial - IMMB, Comunidade Messiânica Universal, Templo Luz do Oriente, Shinji Shumei Kai, Seimei-Kyo, MOA Panamericana do Brasil) (cf. Gonçalves, 2008); Seicho-no-ie; Perfect Liberty; Soka Gakkai; Reiyukai; e Mahikari.

Categoria 4

De estilo ocultista e esotérico, incluindo desde Wicca, Rosa-Cruzes (AMORC, FRA, Fraternidade Rosacruz Max Heindel, RC Áurea etc.), Sociedade da Eubiose, Antroposofia, Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem etc.

Por ocultismo deve-se entender a “crença em fenômenos que se julgam produzidos por forças ocultas ou crença na validade das ciências ocultas”, tais como magia, astrologia, metapsíquica, teosofia etc. (Abbagnano, 2007, p. 727).

Já o esoterismo é um movimento de ideias ocidental, de influência greco-latina, firmado em textos que expressam algumas correntes espirituais que remontam à Antiguidade tardia, que circunscreve desde o Renascimento até a atualidade e que encerra seis características fundamentais:

- a) correspondências - relação entre o macrocosmo e o microcosmo;
- b) a natureza viva – o Cosmos é considerado uma grande entidade viva;
- c) imaginação e mediações - a imaginação permite atingir os códigos que se ocultam nos mediadores, tais como rituais, mandalas etc;
- d) experiência da transmutação – autoaperfeiçoamento, simbolizado pelas etapas principais da obra alquímica (*nigredo*, *albedo* e *rubedo*);
- e) prática da concordância – busca dos denominadores comuns a duas ou mais tradições aparentemente distintas a fim de alcançar a “Tradição primordial”;
- f) a transmissão - conjunto de “canais de filiação” (sociedades) pelos quais o ensinamento é perpetuado, via mestre a discípulo (Bogdan, 2007; Faivre, 1994).

Considerações finais

Como se observa, no século XX cresceu a rejeição dos indivíduos à autoridade tradicional, o processo de perda de influência do Estado e das igrejas se amplificou e ocorreu o fim das condições socioeconômicas e culturais que permitiram o aparecimento das religiões tradicionais; todavia, não se perdeu a intuição de “algo mais elevado”, que é o senso sempre presente de sacralidade, apesar da identidade fluida que é marca da contemporaneidade.

No Brasil atual, vive-se um cenário de “diversidade”, ao invés de “pluralismo”, pois ainda falta igualdade de direitos e tolerância entre as várias expressões religiosas,

particularmente no momento atual, em que avançam crimes de intolerância religiosa no mundo e aumentam casos de intolerância religiosa no Brasil (Nações Unidas, 2017; 2019)

As Novas Expressões Religiosas propagam-se valendo-se do nomadismo, do consumismo e do sincretismo com base nas grandes religiões universais. Apresentando alto grau de complexidade e dificuldade de análise, elas multiplicam-se e expandem-se com suporte na dinâmica de individualização a percorrer a sociedade, enquanto se aproximam pouco a pouco de uma cultura planetária, que necessita do diálogo com o outro e do abandono do pensamento em espaços estanques.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

- Abbagnano, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Almeida, J. F. Evoluções recentes e valores na sociedade. In: Ferreira, E. S.; Rato, H. (Coord.). **Portugal: hoje**. Lisboa: INA, p. 55-70, 1995.
- Barker, E. **New religious movements: A practical introduction**. Londres: Home Office, Her Majesty's Stationery Office, 1989.
- Barreira, C. Os estilos de vida e o convívio quotidiano. In: Reis, A. (Coord.). **Portugal, 20 anos de democracia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. p. 492-502.
- Bogdan, H. **Western esotericism and rituals of initiation**. New York: Sunny Press, 2007.
- Bourdieu, P. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- Campos, L. S. Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir da perspectiva da teologia de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 3, p. 27-38, 2003. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1799/1784>>. Acesso: 10 jan. 2020.
- Camurça, M. A. O espiritismo. Um "neocristianismo"? Entrevista especial com Marcelo Ayres Camurça. In: IHU On Line. 30 out. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/37872-o-espiritismo-um-neocristianismo-entrevista-especial-com-marcelo-ayres-camurca>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Camurça, M. A. Religião como organização. In: Passos, J. D.; Usarski, F. (Org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013. p. 287-299.
- Champion, F. Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismos. In: Delumeau, J. (Org.). **As grandes religiões do Mundo**. Lisboa: Presença, 2002. p. 705-734.
- Durkheim, E. Definição do Fenômeno Religioso e da Religião. In: Durkheim, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Faivre, A. **O esoterismo**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- Fátima Silva, G. A espiritualidade na prática do profissional de saúde: desafios e oportunidades. In: Aquino, T. A. A.; Caldas, M. T.; Pontes, A. M. (Orgs.). **Espiritualidade e saúde: teoria e pesquisa**. Curitiba: Editora CRV, p. 73-92, 2016.

- Fernandes, S. R. A. Reconstrução da identidade religiosa. IHU On Line, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-reconstrucao-de-identidade-religiosa-entrevistaespecial-com-silvia-fernandes>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Franco, C. Psicologia e espiritualidade. In: Passos, J. D.; Usarski, F. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013. p. 399-410.
- Giumbelli, E. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar, 2002.
- Gonçalves, H. R. Igreja Messiânica Mundial e suas dissidências: a religião de Mokiti Okada no Brasil. **Revista Nures**, n. 9, p. 1-8, 2008. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistanures/revista9/nures9_goncalves.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Guerriero, S. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.
- Hébrard, M. **Os carismáticos**. Porto: Editorial do Perpétuo Socorro, 1992.
- Hervieu-Léger, D. **La religion en mouvement**. Le pèlerin et le converti. Paris: Flammarion, 1999. (Coll. Essais).
- Huntington, S. P. **Le Choc des Civilisations**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1977.
- Lindholm, C. **Carisma**: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- Lipovetsky, G. **A Era do Vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.
- Lyotard, J.-F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1998.
- Mariano, R. Sociologia da Religião e seu foco na secularização. In: Passos, J. D.; Usarski, F. (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013. p. 231-242.
- Mariz, C. L. Instituições tradicionais e movimentos emergentes. In: Passos, J. D.; Usarski, F. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013.p. 301-312.
- Monteiro, T. M. R. L. **Famílias e novos movimentos religiosos**: trajetória familiar, individualização e identidade espiritual. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2005. (Tese de doutoramento).
- Nações Unidas. Chefe da ONU alerta para avanço do discurso de ódio e da intolerância religiosa no mundo. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-avanco-do-discurso-de-odio-e-da-intolerancia-religiosa-no-mundo/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Nações Unidas. Relatório alerta para aumento dos casos de intolerância religiosa no Brasil. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/relatorio-alerta-para-aumento-dos-casos-de-intolerancia-religiosa-no-brasil/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Oliveira, A. P. **Entre caboclos, preto-velhos e cores**: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

- Oliveira, K. G.; Gaudêncio, E. O.; Amaro, L. S.; Vieira, D. C. R.; Aquino, T. A. A. Psicossomática & espiritualidade: quando o verbo se fez carne. Apontamentos para uma cartografia da psico-onto-somática. In: Aquino, T. A. A.; Caldas, M. T.; Pontes, A. M. (Orgs.). **Espiritualidade e saúde**: teoria e pesquisa. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 93-107.
- Oliveira, P. A. R. A teoria do *trabalho religioso* em Pierre Bourdieu. In: Teixeira, F. (Org.). **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 177-197.
- Pereira, R. A. **O budismo leigo da Sôka Gakkai no Brasil**: da revolução humana à utopia mundial. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. (Tese de doutorado).
- Szwako, J. E. L. A noção de campo em Bourdieu: premissas weberianas. Anais do XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- Teixeira, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: Teixeira, F.; Menezes, R. (Orgs.). **Catolicismo plural**. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17-30.
- Tillich, P. **A Era Protestante**. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.
- Tillich, P. **El futuro de las religiones**. Buenos Aires: Aurora, 1976.
- Tomita, A. G. S. As novas religiões japonesas como instrumento de transmissão de cultura japonesa no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, p. 88-102, 2004. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_tomita.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Troeltsch, E. Igreja e seitas. **Religião e Sociedade**, v. 14, n. 3, p. 134-144, 1987.
- Vaticano. **Instrumentum Laboris**. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. 2019. Disponível em: <<http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/06/INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Vernette, J. **New age**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.
- Weber, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Weber, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora UNB, 2012.

